

A NOSSA CIÊNCIA

Antônio Xerxenesky¹

Nós estamos celebrando a tecnologia, meu chefe me disse, a tecnologia americana, a tecnologia pioneira, meu chefe insistiu, e não há nada mais lógico, portanto, do que usar a tecnologia para destacar ela mesma.

Era um discurso vazio; todos os discursos do meu chefe eram vazios; ele usava aquele truque que todo mundo que quer se sentir inteligente em uma discussão pública usa com frequência, isto é: com base em um caso absolutamente ordinário fazer uma extrapolação e refletir ingenuamente sobre as leis misteriosas que regem nosso universo.

O que ele estava *realmente* querendo fazer: me convencer a usar o assim chamado *software* de edição de imagens no recém-adquirido *computador pessoal* da empresa. Ele queria mostrar que estávamos à frente da competição, que éramos a primeira editora de livros de arte a utilizar tecnologias (de novo essa palavra) digitais. Olhei para aquele monstro branco que eu aprendera a utilizar há poucas semanas, pensei nas horas gastas trocando disquetes até instalar o *software*.

Era um livro como qualquer outro, talvez até mais sem graça. Um almanaque visual do Projeto Manhattan, que completaria cinquenta anos naquele ano de 1995. Meu chefe me entregou um CD-ROM que disse estar cheio de imagens. Fez todo um ritual para me entregar o disco. Acho que ele queria justificar para os chefes por que o computador comprado precisava vir com kit multimídia. Pensei, por um momento, que ele mencionaria também a relevância do Projeto Manhattan em si; que fosse dizer, por exemplo, que “graças aos nossos cientistas, não somos uma colônia nazista”. Pois era mais ou menos isso que o texto de introdução que precisei diagramar insinuava, ignorando, por exemplo, que a Alemanha já tinha se rendido quando as bombas foram disparadas sobre Hiroshima e Nagasaki, que a rendição japonesa era quase certa antes mesmo de as cidades terem sido dizimadas, que a segunda bomba, a que exterminou mais de 35 mil pessoas, foi absolutamente desnecessária, não apenas porque a grande maioria era civil, mas porque os Estados Unidos já tinham demonstrado serem os novos reis do mundo diante da Europa em ruínas.

Passei os olhos pelos textos: nenhuma entrevista com um japonês, um sobrevivente, nada. Lembro-me de ter lido, um tempo atrás, de um *duplo*

¹ Nasceu em 1984, em Porto Alegre, e radicou-se em São Paulo. Escritor e tradutor, é autor, entre outros, de *As perguntas* (Companhia das Letras, 2017) e *F* (Rocco, 2014, finalista do Prêmio São Paulo). No momento, está finalizando o Doutorado em Teoria Literária na USP.

hibakusha, um homem que sobreviveu aos dois ataques nucleares. Ele viu o cogumelo atômico arrancar a pele dos moradores de Hiroshima, saiu na sua bicicleta até Nagasaki, contou a todos o que viu, mas ninguém acreditou nele, até que Nagasaki foi a escolhida da vez. E o camarada sobreviveu e continua vivo até hoje provavelmente. Tem gente que morre engasgada com um ossinho de frango, e o japonês aguentou dois ataques nucleares.

Um livro de capa dura, 24 por 30 centímetros. Esperei a barra de carregamento chegar a 100%, mostrando que a imagem digital da explosão teste de Los Alamos estava pronta para ser editada. Uma frase de Oppenheimer: “Agora me tornei a morte, um destruidor de mundos”, citando alguma divindade asiática. O laranja da explosão, os cientistas protegendo os olhos. Será que alguém chorava?

Com a imagem aberta na tela, comecei a ver o que o tal *software* me oferecia. Dei zoom; mexi no contraste e no brilho. Uma opção de filtros. A imagem em negativo. A imagem borrada. A imagem num mosaico de pixels. Arrastei-a de um lado para o outro da página. Comecei a pensar no design possível: primeiro, páginas com diferentes recortes de detalhes da explosão, até culminar numa dupla com a explosão vista por completo. Experimental demais? Sensorial demais? Meu chefe decidiria. Fiz um recorte do canto esquerdo do cogumelo atômico, aproximei na curvatura da explosão, a aba do cogumelo, aproximei mais a imagem. Encontrei um formato agradável. Hora de tratar a imagem: correção *gamma*. Escuro demais. Claro demais. Continuei mexendo com o gráfico da exposição, até que percebi algo.

Algo que sempre esteve na imagem?, foi o que me perguntei. Ou algum erro?, um *bug* do *software*, algo que eu mesmo provoquei tentando editar uma imagem sem dominar as ferramentas para isso. Cutuquei meu colega ao lado e apontei para a tela.

“O que você vê?”

“Ahn... imagino que seja um detalhe da bomba atômica explodindo, não?”

“Sim, sim, dei um zoom num canto”, tirei o zoom para mostrar e depois tornei a aproximar. “Estou falando é disso aqui.”

“Uma sombra...”

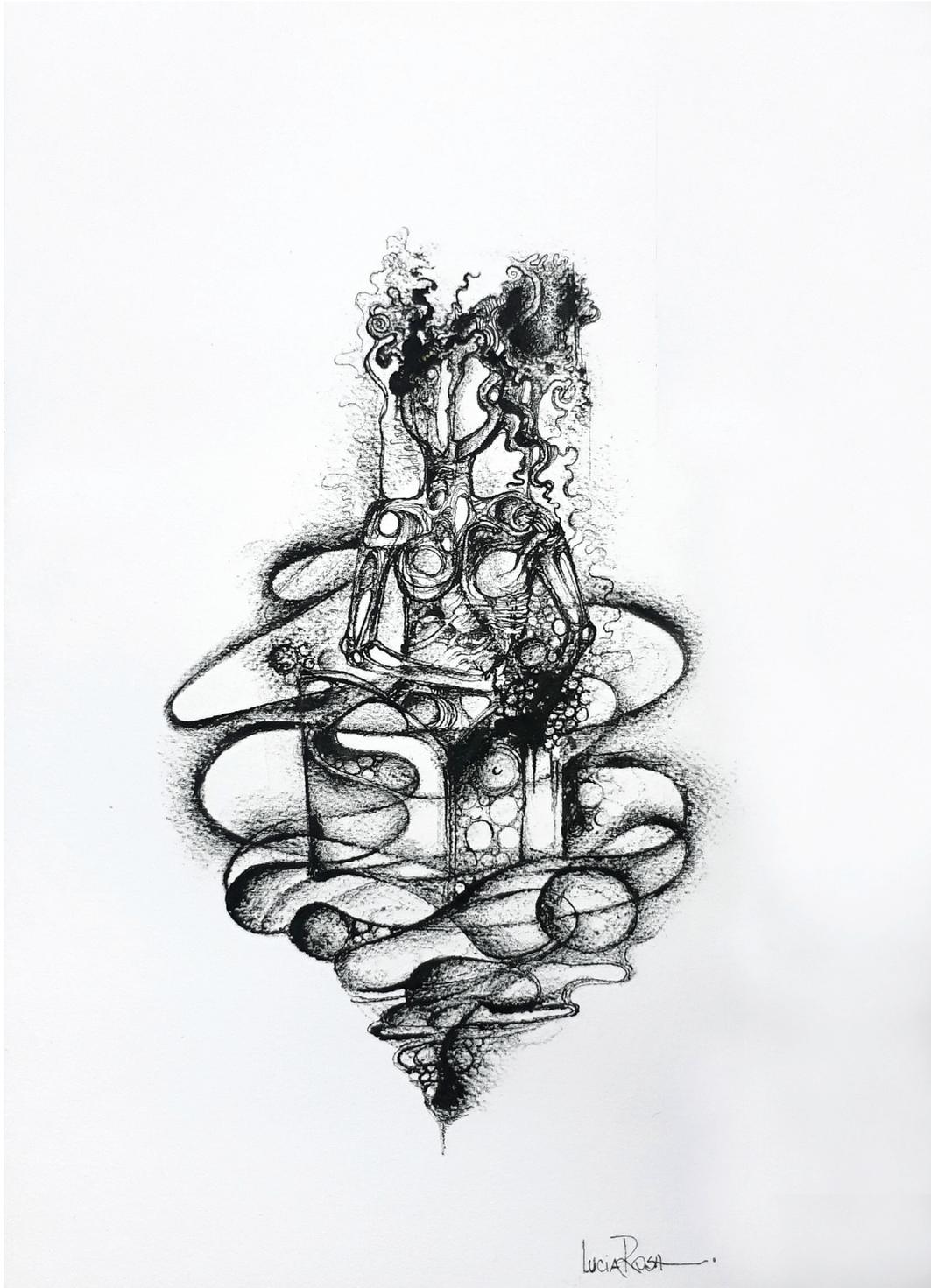
“Sim, mais com uma...”

“Silhueta humana.”

“Exatamente o que eu ia dizer.”

“Esquisito.”

“Não é?”



“Foi você quem desenhou?”

“Não! Quer dizer, não sei, não sei se eu...”

Voltei a mexer com o gráfico de correção *gamma*, a silhueta perdia ou ganhava definição com um movimento do mouse. O meu colega voltou a fitar o próprio monitor. Continuei trabalhando no livro até o fim do expediente. Juntei minhas coisas e fui para casa.

A minha casa estava vazia, como sempre, há tantos meses. Ainda não tinha terminado a limpeza, isto é, ainda não tinha terminado as doações das roupas que pertenciam à minha falecida esposa e separado os documentos, *os restos*, que iam para o lixo: os cadernos dela, da escola à faculdade, os quadros de que só ela gostava, as coisas inúteis que alguém vai guardando ao longo da vida. Ela não tinha família além de mim, ninguém que se interessasse em manter fotos suas de infância, os desenhos feitos na quinta série. Então, todas as noites, depois de requeantar os restos de almoço e chamar aquela gororoba de jantar, eu dedicava uma hora a separar o que seria mantido e o que seria descartado dos resíduos da existência de minha esposa.

Foi o acaso – pois ainda acredito em coincidência e acaso – que me levou aos documentos médicos que minha esposa guardava num grande envelope branco. Abri o envelope e vi a sequência de laudos médicos registrando a progressão da doença no seu corpo. Junto aos laudos, chapas e chapas de raio-X. Uma maior que a outra, imensa, uma fotografia do seu corpo inteiro por dentro, mostrando a metástase, o câncer ganhando terreno e clamando aquele corpo tão diminuto para si. Contemplei aquela radiografia e refleti. Joguei todo o resto dentro do saco de lixo, mas guardei aquela imagem.

No dia seguinte, cheguei cedo ao escritório para falar com um colega que era fissurado em tecnologia. Ele tinha um dos poucos computadores da editora com um modem capaz de conectar-se com a World Wide Web, a assim chamada *internet*, que, dizem, logo se popularizaria a tal ponto que poderíamos conversar em tempo real com alguém da Austrália ou até mesmo do Brasil.

Levei a ele dois disquetes. Num disquete, a imagem com a ampliação do teste nuclear em Los Alamos, com o contraste e o *gamma* regulados de maneira a favorecer a silhueta. No outro disquete, a imagem recém-escaneada do raio-X do organismo canceroso daquela criatura que um dia foi casada comigo. Ele abriu as duas imagens, e perguntei se ele poderia colocar num FTP e compartilhar num fórum.

“O que você quer que eu escreva para justificar as duas imagens?”

“Curiosidade: a bomba nuclear parece ter feito um raio-X de alguém.”

“Ah! Não tinha pensado nisso! Você está falando por causa da radiação? Mas ninguém morreu no teste em Los Alamos”

“Eu sei, mas achei esquisito.”

Ele começou a transferir as imagens. Assistimos à barra de progresso avançar com lentidão na tela de computador. Acrescentei:

“Você acha que ninguém vai se interessar por isso?”

Ele se virou para mim, pensativo.

“Acho que precisa de algo mais chamativo. E publicar num fórum de fenômenos paranormais. Um título como: Segredos do governo americano!!! Que corpo é este na explosão nuclear de Los Alamos?”

“Você deveria ser jornalista.”

Montamos juntos o texto no fórum, conferimos que as imagens estavam disponíveis para quem tivesse uns minutinhos para fazer o *download* delas. Voltei para a minha mesa e segui o dia de trabalho.

À noite, fui para casa, comi frango empanado com maionese. O ideal teria sido fritar de novo o frango, mas não estava com força de vontade para isso, então aqueci a comida no micro-ondas, e fiquei assistindo o prato girar lentamente, a radiação aquecendo a comida, o resultado sendo uma carne de consistência borrachuda.

Cheguei ao trabalho no dia seguinte, e o meu colega estava esperando por mim, ansioso. Conduziu-me até a sua mesa e apontou para a tela.

“Você não vai acreditar no sucesso que estamos”, ele usou a primeira pessoa do plural, “fazendo no fórum. Olha isso. Cinquenta respostas.”

“Uau! O pessoal gostou mesmo das fotos. Ou do título.”

Passsei os olhos pelas mensagens. Teorias da conspiração americanas típicas abundavam: OVNI, o assassinato de JFK, Área 51, o projeto MK-Ultra. Uma mensagem singela me chamou a atenção.

“Olha o que esse cara disse: ‘a silhueta na explosão parece a de Marie Curie’”.

“Hmm. Quem é Marie Curie?”

“Você não sabe? Ganhou duas vezes o Nobel.”

“Nem sabia que era possível ser bicampeão no Nobel.”

“Foi ela quem descobriu a radiação”, expliquei.

“Ah!”, ele exclamou. “Então foi ela quem inventou a bomba nuclear? Não tinha sido o Oppenheimer?”

“Coisas diferentes. Acho que ela nem estava viva na época da Guerra. Não sei.”

Era verdade: eu não sabia quase nada dessa mulher que, a julgar pela minha lembrança, era a única cientista mulher internacionalmente famosa, conhecida até por quem não trabalha na área de exatas.

No horário do almoço, passei na biblioteca pública próxima ao trabalho, uma construção de cinco andares e sabe-se lá quantos exemplares. Meu colega, o *nerd*, insistia que, em breve, todos os livros caberão dentro

de uma mídia parecida com um CD, ou melhor, estarão espalhados por computadores ao redor do mundo e poderemos acessá-los com o nosso computador pessoal. Tenho minhas dúvidas. Pedi ao bibliotecário uma biografia de Madame Curie. Ele me trouxe várias opções. Na hora que passei ali, folheando rapidamente as páginas, aprendi algumas coisas, a mais importante delas foi que Curie morreu pouco antes da guerra e que amava tanto a sua descoberta que ela e o marido andavam para lá e para cá com materiais radioativos no bolso e colocavam-no até debaixo do travesseiro. O laboratório dos dois era uma máquina de produzir cânceres. Mas não sabiam disso. Morreram achando que o fenômeno radioativo ia salvar o mundo. Graças a Madame Curie, é possível bater raios-X para detectar doenças. Graças a Madame Curie minha esposa pôde observar a sua doença dominar centímetro a centímetro do seu corpo, como uma batalha na Primeira Guerra, os tumores saindo das trincheiras e conquistando a terra de ninguém.

Mas ela não viu a bomba. Não conheceu Oppenheimer. Não ouviu as histórias das pessoas próximas à detonação de Hiroshima, que não morreram na explosão, mas que perderam toda a pele, que se soltava como a de um mamão podre, ela não viu as larvas criando seus ninhos na carne dessas pessoas, ela não viu os japoneses tomando um banho de chuva negra e desenvolvendo tumores agressivos logo depois. Sejam justos: a culpa não foi dela. Tudo o que ela fez foi enxergar algo na natureza que ninguém antes tinha visto.

Outra informação relevante que anotei antes de sair da biblioteca: colegas de laboratório descrevendo os últimos dias de Marie Curie como fantasmagóricos, uma mulher apagada, devassada pela radiação à qual foi exposta, magra, esquelética.

Voltando ao trabalho, descobri que o fórum estava em chamas com as minhas imagens. Nunca vi meu colega tão empolgado. De acordo com ele, o crescimento foi exponencial. Mais de trezentas mensagens. E parecia que não ia parar nunca! Concordei, sem entusiasmo, e não li uma só mensagem. Trabalhei no escritório como um dia comum – era um dia comum, afinal – e fui embora quando o relógio marcou cinco da tarde. Vi que meu colega continuava ali, não tinha guardado ainda as suas coisas. Explicou que estava divertido demais observar a reação das pessoas. Seiscentas mensagens.

Comida congelada. Micro-ondas. Sentei diante da TV. Notícias. Talvez eu tenha dormido. Quando acordei, um apresentador na tela com gel excessivo no cabelo mostrava duas imagens. A primeira imagem era o meu recorte da imagem da detonação de Los Alamos. A segunda imagem era o raio X de minha falecida esposa sendo exposto nacionalmente. Agora todos os americanos a viram por dentro. O telefone tocou. Atendi com a certeza de que sabia quem era.

“Você viu isso?”, meu colega perguntou. Sua voz era demoníaca.

“Sim. Eu vi”, respondi.

Desliguei o telefone.

Na manhã seguinte, o meu chefe pediu para falar comigo na sala dele assim que entrei no escritório. Não havia o que discutir; eu vazara uma imagem de uso particular para a mídia, violando a ética da empresa, danificando a reputação da editora.

Guardei as coisas da minha mesa. Passei pelo meu colega. Estava com o fórum aberto. Quantas milhares de pessoas explorando uma teoria sobre aquele desenho tão incomum que um cogumelo atômico formou.

De repente, lembrei-me de ter visto uma fotografia, muitos anos atrás, de Oppenheimer visitando o Japão. Será que houve protestos? Algum japonês jogou um ovo na cara dele? E quando voltou aos Estados Unidos? Ele era um herói americano? Mais do que os soldados anônimos que lutaram na Europa? Teria Oppenheimer culpa? Ou ele era, como Madame Curie, apenas alguém que enxergou algo na natureza... O potencial do átomo... Como prever que algo tão minúsculo provocaria aquilo, aquele *laranja*, aquela *silhueta espectral*.

Fazia frio na rua. Pensei em Marie Curie sozinha no hospital. Pensei nela abraçada num prisma emitindo radiação. Pensei nela desaparecendo grama a grama. Pensei nas células condenadas de Marie Curie. Pensei nas células de minha esposa se reproduzindo de forma anormal. Tudo o que um câncer deseja é sobreviver, assim como nós.

Decidi voltar a pé para casa. No caminho, parei diante de uma vitrine de uma loja de eletrônicos. Anunciavam computadores 486 DX4-100. Um anúncio publicitário pendurado em cima dos monitores catorze polegadas: *Esteja preparado para o futuro. Computadores com modem para acesso à internet*. Abri a porta, ainda segurando a caixa com os meus objetos trazidos do escritório, e um funcionário apareceu perguntando se podia me ajudar. Sim, respondi.

Ilustração: Lúcia Rosa, arte educadora e artista visual.